USP, 2000.
ALMEIDA, P. N. Educação Lúdica - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo:
Edições Loyola, 1987.
BRASIL. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental.
Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC; SEF, 1998. p. 63.v. I
BUENO, Elizangela. Jogos e Brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica. Londrina – PR, 2010.
CHAER, G.; DINIZ, R.R.P.; RIBEIRO, E.A. A Técnica do Questionário na Pesquisa Educacional. Araxá: Evidência, v.7, n.7, p. 251-266, 2011.
COURTNEY, Richard. Jogo, teatro & pensamento. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
LUCKESI, Cipriano. Estados de consciência e atividades lúdicas. In: PORTO, Bernadete. Educação e ludicidade. Ensaios 3. Salvador: UFBA, 2004, pp. 11-20.
FERREIRA, Juliana de Freitas ; SILVA Juliana Aguirre da ; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. A importância do lúdico no processo de aprendizagem. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO %20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf Acesso em 10 de Janeiro de 2020.
RIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 2006.
GALPERIN P.Ya. La dirección Del proceso de aprendizaje. In: ROJAS,
L.Q. (Comp.). La formación de las funciones psicológica durante el desarollo dele niño. Tlaxcala: Editora Universidad Autónoma de Tlaxcala, 2001d.
KISHIMOTO, Tizuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação. 14 ed.São Paulo:Cortez, 2011.
LACERDA, M. Brinquedos heurísticos: incentivo acessível para o brincar natural. 2016. Disponível em:
<http://napracinha.com.br/2016/12/brinquedos-heuristicos-incentivo
acessivel-para-o-brincar-natural>. Acesso em 10 de Janeiro de 2020.
MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. Técnicas de Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
OLIVEIRA, Z. R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002.
PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento
Humano. 10. ed., Porto Alegre: Artmed, 2010.
PASSONI, L. C. et al. Relatos de Experiências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência no Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Norte Fluminense. Química Nova Escola. v. 34, n. 4, p. 201-209, 2012.
REVERBEL, Olga Garcia. Um Caminho do Teatro na Escola. São Paulo – SP: Scipione, 1989.
REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola: Atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione, 1989
RIBEIRO, Suely de Souza. A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância. 2013. Disponível em:https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a
importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no
desenvolvimento-da-infancia. Acesso em 10 de Janeiro de 2020.
RODRIGUES, L. O. Sociabilidade e socialização: a construção do indivíduo. Mundo Educação. Disponível em:
<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/sociabilidade
socializacao.htm>. Acesso em 10 de Janeiro de 2020.
SOARES, Edna Machado. A ludicidade no processo de inclusão de alunos especiais no ambiente educacional. 2010. Disponível em: http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/EMS.2.2010.pdf Acesso em 10 de Janeiro de 2020
TFOUNI, L.V. Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.
VYGOTSKY, L. S. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
VIGOTSKI, L. S. Psicologia da Arte. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2003

A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TATIANE INGRID MARQUES CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo conscientizar a importância da música como método de ensino e aprendizagem, buscando o desenvolvimento e a integração do ser nas áreas cognitiva, afetiva e social. A finalidade deste estudo é demonstrar que a música não é somente uma associação de sons e palavras, mas sim, um rico instrumento facilitador do processo de aprendizagem que pode dinamizar as instituições de ensino, pois ela desperta o indivíduo para um mundo prazeroso e satisfatório, envolvendo a mente e o corpo, facilitando a apren-

dizagem e o desenvolvimento do educando, que é o sujeito principal deste estudo.
PALAVRAS-CHAVE: Música; Aprendizagem; Desenvolvimento; Criança.

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará a interação Professor-Aluno na aprendizagem sob os enfoques literários, psicológicos, sócio históricos e afetivos, buscando compreender suas influências na aprendizagem do ensino fundamental, já que, a educação é uma atividade sócio- -política na qual consiste a relação entre sujeito: Professor e aluno na sociedade.

A musicalização está tão intrínseca desde o ventre e tem como um dos fatores principais a aproximação ao universo da oralidade. Para Parreiras (2012, p.157) "as cantigas e acalantos é um aleitamento literário e afetivo para a criança". Para Tafuri (2000, p. 56):

Há muitos estudos que demonstram como o ouvido começa a funcionar desde o sexto mês da vida pré-natal (ou um pouco antes segundo outros) se estiver estimulado por qualquer som, com consequências benéficas sobre o desenvolvimento da inteligência musical (TAFURI, 2000, p. 56).

Para que se entenda a dimensão desta relação faz-se necessário conceituar Interação: Processo interpessoal pelo qual indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos uns em relação aos outros, por uma estimulação recíproca contínua. A interação social é o modo comportamental fundamental em grupo (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, p. 439).

Na interação Professor-Aluno, a escola enquanto instituição educativa desempenha um papel fundamental, sendo palco das diversas situações que propiciam esta interação principalmente no que tange sua dimensão socializante, a qual prepara o indivíduo para a convivência em grupo e em sociedade. Assim, também é função da escola a dimensão epistêmica, onde ocorre a apropriação de conhecimentos acumulados, bem como a qualificação para o trabalho, dimensão profissionalizante.

Segundo estudos realizados na área da Educação, o hábito de cantar está se reduzindo de maneira significante na rotina das crianças. Pais e familiares estão
cantando menos com as crianças. Na escola, também, estamos cantando menos com os nossos alunos. Por conta dessa diminuição, a problemática em torno da musicalidade não fazer mais parte da rotina das crianças na Educação Infantil, esta pesquisa visa o aumento do repertório de vocabulário, da oralidade, da cultura, do movimento dentre outras habilidades, precisa-se executar ainda mais a prática de cantar, seja em casa ou nos ambientes escolares (TAFURI, 2000).

A música representa um valor fundamental à formação dos homens, permitindo que ocorra uma integração entre as capacidades físicas, mentais e psicológicas dos sujeitos. Portanto, devido à influência na vida humana, a música deveria ser incluída nos currículos escolares de maneira efetiva, encarada como uma disciplina específica e não apenas uma linguagem essencial ao desenvolvimento (ARAÚJO, 2011).

O trabalho com a música nos anos iniciais da Educação Básica permite o desenvolvimento de diferentes habilidades, como linguística e racional, diante da possibilidade atribuída à organização musical, a partir de atividades pedagógicas que envolvam a construção de instrumentos em brincadeiras, favorecendo a experimentação, espontaneidade, imaginação, participação e interação das crianças, pois a música pode ser associada à realidade infantil, transformando-se em aprendizagem significativa (SCHAFER, 2013).

Vale salientar que as dimensões se estruturam, no fator sócio histórico que é constituído de condicionantes culturais. Neste contexto será abordado o diálogo, condicionante fundamental para uma boa interação entre o professor e o aluno. Segundo Paulo Freire (1967 p. 66): "[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança".

Na fala de Freire, percebe-se o vínculo entre o diálogo e o fator afetivo que norteará a virtude primordial do diálogo, o respeito aos educandos não somente como receptores, mas enquanto indivíduos. As relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida (FREIRE, 1967).

Sabendo que as dificuldades afetivas provocam desadaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual. A presente pesquisa buscará conhecer a teoria acima descrita que poderá contribuir a uma boa convivência no interior das instituições educativas onde ocorrem, antes de tudo, um contato humano entre pessoas que pensam e agem e têm, sobretudo, sentimentos. É preciso respeitar o outro no seu modo de ser e assim, garantir

um bom relacionamento, possibilitando um clima de confiança.

Segundo estudos realizados na área da Educação, o hábito de cantar está se reduzindo cada vez mais na rotina das crianças. Pais e familiares estão cantando menos com as crianças. Na escola, também, estamos cantando menos com os nossos alunos. Mediante a tecnologia e a virtualidade, as crianças estão participando menos de brincadeiras desse tipo. Professores e familiares estão perdendo a oportunidade de enriquecer o aprendizado das crianças (TAFURI, 2000). Do ponto de vista cognitivo, quando aprendemos música nos desenvolvemos,
nas áreas como: da fala, tempos e ritmos, linguagem corporal, espacial e o domínio da lateralidade; importante estímulo da memória, habilidades matemáticas. Comparação, seriação, agrupamento e sequenciação, bases do pensamento simbólico e abstrato, entre outros (TAFURI, 2000).

O ÂMBITO ESCOLAR E A MUSICALIZAÇÃO

De acordo com os estudos de Coll (1996), o perfil da educação brasileira apresentou significativas mudanças nas últimas décadas. O desempenho dos alunos remete-nos à necessidade de considerarem a formação do professor, como sendo requisito fundamental para a melhoria dos índices de aprovação, repetência e evasão do ensino.

As expectativas do professor sobre o desempenho dos alunos podem funcionar como uma “suposição de autorrealização”. Isto é: o aluno de quem o professor espera menos é o que realiza menos, ao passo que aqueles de quem se espera um bom desempenho acabam, na realidade, por apresentá-lo (COLL, 1996).
Assim, as taxas de evasão evidenciam a baixa qualidade do ensino e a incapacidade dos sistemas educacionais e das escolas de garantir a permanência do aluno, penalizando os alunos de nível de renda mais baixos. Exatamente por fazerem parte de famílias desprovidas de recursos, as crianças não têm acesso ao mínimo de informações culturais no lar, e por isso, chegam à escola em situação de inferioridade em relação à maioria dos estudantes de classes mais altas (COLL, 1996).

Uma criança que faça parte de uma família de poucos recursos, sua alimentação será deficiente e, por isso, seu desenvolvimento físico e sua saúde serão deficientes. Por viver em ambientes com pessoas que não tiveram uma boa formação escolar, sua linguagem terá muitas falhas. O estudante carente usa uma linguagem pobre em vocabulário e em sua estruturação. Seus colegas de famílias de melhor posição social, que cresceram entre pessoas com algum grau de instrução, teriam domínio de um proveitoso vocabulário. Coll (1996:95) afirma que:

Os alunos formam seu próprio conhecimento por diferentes meios: por sua participação em experiências diversas, por exploração sistemática do meio físico ou social, ao escutar atentamente um relato ou uma exposição feita por alguém sobre um determinado tema, ao assistir um programa de televisão, ao ler um livro, ao observar os demais e os objetos com certa curiosidade e ao aprender conteúdos escolares propostos por seu professor na escola (COLL, 1996, p. 95).

Os regulamentos e exigências escolares também são vistos como causas dos problemas que a educação enfrenta. Logo de início há uma extrema falta de vagas, a escola tem uma localização que dificulta o trajeto de ida e volta dos alunos. Depois temos os horários estabelecidos pelas escolas, que são muito criticados por não atenderem a realidade da população. Outro fator que dificulta a permanência e o bom desempenho dos alunos na escola são, as despesas com materiais exigidos pela escola como: uniforme, livros, taxas, etc..., Isso porque na maioria dos casos, os pais não podem comprar o que a escola exige (COLL, 1996, p. 95).

Segundo Durkheim (1978, p. 49), a família é colocada como principal responsável pelo fracasso dos alunos, não sendo questionadas, as condições materiais de vida dessas famílias, nem sua participação nas relações sociais de produção que são o que determinam, em última instância, as possibilidades de assistência aos filhos. Essas conclusões ideológicas eximem os professores de observar sua própria atuação no contexto escolar, sua participação na seletividade e, principalmente, a função da escola como reprodutora da sociedade desigual na qual se insere: “A escola não pode ser propriedade de um partido; e o mestre faltará em seus deveres quando empregue a autoridade de que dispõe para atrair seus alunos à rotina de seus preconceitos pessoais, por mais justificados que lhes pareçam” (DURKHEIM, 1978, p. 49).

Em várias salas de aula nota-se a exigência constante de disciplina, o estabelecimento de uma relação autoritária entre o professor e seus alunos, o trabalho obrigatório e repetitivo. Um dos meios de controlar a disciplina é a divisão do tempo. Há hora determinada para entrar, sair, para o recreio, a merenda, para tomar água, para ir ao banheiro, etc. O cumprimento do horário é obrigatório, sem levar em conta o que a criança está fazendo ou qual é a sua

vontade no momento (DURKHEIM, 1978, p. 49).
Há, por parte do professor, uma vigilância constante e ameaças, gerando um clima de tensão entre as crianças, por estarem sempre antecipando as consequências de seus "maus atos": o aluno corre o risco de ficar sem recreio, de ser retirado após as aulas, além de outras ameaças de castigo. Quem é "bem- comportado" recebe recompensas e é apresentado como modelo aos colegas:

Mas os tempos mudaram e mudaram muito. Hoje, uma suspensão transformou-se num prêmio, seja ela de um dia ou mais. Algumas escolas, mesmo mantendo o sistema de suspensão, são mais esclarecidas, suspendem os alunos de suas atividades didáticas e recreativas, mantendo-o em seu recinto através da organização de trabalhos nas bibliotecas ou coordenações, e aproveitam para encaminhá-lo aos serviços de orientação educacional. Nesses casos, o prêmio não é tão grande (WERNECK, 1999, p. 60).

Nesta concepção, a atitude do professor em sala de aula é importante para criar climas de atenção e concentração, sem que se perca a alegria. As aulas tanto podem inibir o aluno quanto fazer que atue de maneira indisciplinada. Portanto, o papel do professor é o de mediador e facilitador; que interage com os alunos na construção do saber. Neste sentido, é muito importante ajudar os professores a saberem ensinar, garantindo assim que todos os alunos possam aprender e desenvolver seu raciocínio.

Se a aprendizagem, em sala de aula, for uma experiência de sucesso, o aluno constrói uma representação de si mesmo como alguém capaz. Se ao contrário, for uma experiência de fracasso, o ato de aprender tenderá a se transformar em ameaça. O aluno ao se considerar fracassado, vai buscar os culpados pelo seu conceito negativo e começa achar que o professor é chato e que as lições não servem para nada (WERNECK, 1999).

O DESENVOLVIMENTO TRANSVERSAL EM CONTEXTO MUSICAL

A Música sempre teve um caráter social e tradicional, sendo transmitida de geração a geração. Nos Referenciais Curriculares, a linguagem musical tem estruturas e características próprias, que devem ser estimuladas no trabalho com as crianças, que são: produção, apreciação e reflexão:

A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (SALLES e FARIAS, 2012, p.152).

A linguagem musical, segundo os próprios Referenciais, é um excelente recurso para desenvolver a expressão, equilíbrio, autoestima, autoconhecimento e integrador social. Para Salles e Farias (2012, p.152) "[...] a música é outra das múltiplas linguagens que possibilita a expressão de sentimentos, sensações, pensamentos e o compartilhamento de significados entre os sujeitos de uma cultura". Com essas fundamentações trabalhadas no início da Educação Básica, isto é, desde o zero ano de idade, deve-se reconhecer os balbucios, os jogos de mãos e expressões faciais como canal de desenvolvimento, assim como as questões culturais, históricas e sociais que envolvem todo o contexto musical dessa criança, criando a sua identidade.

Por fazer parte de toda trajetória humana, a música foi incorporada como tema transversal justamente por ter esta característica universal e interdisciplinar. Para todos os níveis da Educação Básica, principalmente na Educação Infantil, a Música é muito presente nas práticas, mesmo que atualmente seja reduzido em algumas instituições escolares. A relação entre som e silêncio, a combinação de objetos sonoros, experimentações entre os sons graves e agudos, a sua intensidade (volume alto ou baixo), a duração e o timbre, determinam nossas intenções expressivas, estimulando a sensibilidade.

Por conta disso, o tema transversal Música é considerado de extrema importância. Tanto que em 2008, através da grande mobilização de músicos e educadores, o Conselho Nacional de Educação definiu que o ensino da Música deva ser incluído e deve ser garantido dentro do currículo (Lei nº11769).

Um avanço previsto pelos documentos oficiais e com o tema transversal nos Referenciais e Parâmetros Curriculares, que criticavam a falta de fundamentação, conhecimento e espaço para que essas manifestações artísticas e culturais acontecessem sem um aval oficial que determinasse essas ações dentro da escola. Com essa lei, os educadores devem pensar e planejar o currículo com a inclusão da música em suas práticas escolares, interagindo

com as diversas manifestações artísticas e com planejamento crítico para tais ações educativas. Música é cantar, dançar, brincar, tocar e tudo isso pode acontecer simultaneamente e independente do gênero, pois meninos também precisam ser incentivados a experiência a música como um todo, explorando seus corpos e espaços.

EDUCAÇÃO MUSICAL E VIVENCIAS

A educação musical como disciplina específica, não representa mais uma obrigatoriedade aos currículos das escolas brasileiras. A ausência desta disciplina determinou-se devido à incorporação da música como linguagem musical à disciplina de arte, na década de 1970. Esta mudança trouxe consequências à educação no país, caracterizando a formação de pessoas com pouca oportunidade de conhecer a música como parte do processo de ensino-aprendizagem, restringindo este estudo aos conservatórios e escolas direcionadas especialmente à música como formação (SCHAFER, 2013).

A educação musical enfrenta muitos problemas, como a ausência de sistematização entre o ensino educacional da música na Educação Básica e a desvalorização entre a integração da música como uma disciplina curricular específica, limitando os conceitos musicais a uma linguagem da área de arte (LOUREIRO, 2009).

O ensino da música precisa ser algo prazeroso para despertar interesse nas crianças, a fim de incentivar a exposição das expressões emocionais, sentimentais e racionais dos sujeitos. Deste modo, ao professor cabe o papel de mediador entre o presente educacional do estudante e as aprendizagens relacionadas à música (SNYDERS, 2012).

A escola representa um importante papel no estudo musical ao intencionar a exploração das diversidades culturais, as trocas de experiências entre as pessoas e as diferenciações artísticas que a linguagem musical pode proporcionar (LOUREIRO, 2009).

As práticas pedagógicas utilizadas para o trabalho musical em sala de aula precisam ser planejadas previamente, com objetivos estabelecidos e resultados intencionados, mesmo que o estudo ainda esteja limitado à disciplina de arte, pois estudar a música permite que a criança reflita sobre os movimentos sociais e culturais, possibilitando a aprendizagem além dos ambientes escolares (SNYDERS, 2012).

Quando a criança chega à escola, suas potencialidades e defeitos tornam-se mais evidentes, influenciando os estímulos humanos a alcançarem a aquisição do conhecimento. Sendo assim, a escola precisa auxiliar a criança no crescimento, facilitando a evolução de suas habilidades, cabendo ao professor completar o processo ao observar as necessidades do sujeito, aproveitando suas capacidades de maneira prazerosa, de modo que a aprendizagem seja um processo concretizado e significativo (LOUREIRO, 2009).

A IMPORTÂNCIA DOS OBJETOS SONOROS

A relação entre o silêncio e o som proporciona diversas experiências de aprendizagem que enriquecem toda a aquisição e desenvolvimento do ser humano como um todo. Ao perceber os diversos tipos de sons e silêncios, os atritos com os objetos, percepções de sons em objetos convencionais, como garrafas, panelas, latas, caixinhas de fósforos e diversos materiais, é evidenciado a exploração musical pela intencionalidade de combinar sons (BRASIL, 1998).

Os brinquedos sonoros começam com a exploração dos sons do próprio corpo: movimentos com a boca, com as mãos, pés, ritmando e compassando de acordo com a comanda da brincadeira. Depois, a combinação entre os objetos os jogos começam a dar ritmo e noções de tempo (BRASIL, 1998).

Para tal prática, as brincadeiras de roda são como suporte em que as crianças se adequam de forma mais natural, que ajuda em toda parte de desenvolvimento e deleite do brincar. Afinal, as brincadeiras e cantigas de roda começam como apreciação e deleite, servindo para a transmissão de linguagens diversas (BRASIL, 1998).

Os professores devem estar atentos como desenvolver a atenção nas crianças através da música. Ao cantar e brincar, as crianças adquirem o sentido da atenção, observando e captando o ritmo, tempo, intensidade, velocidade que a música pode ter naquele momento. Nesse momento, além da contribuição para o desenvolvimento pleno acontecer. Os Referenciais Curriculares orientam que:

Para as crianças nesta faixa etária, os conteúdos relacionados ao fazer musical deverão ser trabalhados em situações lúdicas, fazendo parte do contexto global das atividades. Quando as crianças se encontram em um ambiente afetivo no qual o professor está atento a suas necessidades, falando, cantando e brincando com e para elas, adquirem a capacidade de atenção, tornando-se capazes de

ouvir os sons do entorno. Podem aprender com facilidade as músicas mesmo que sua reprodução não seja fiel (BRASIL, 1998, p.47).

As parlendas são as primeiras cantigas de roda que a criança utiliza como brinquedo sonoro. Por ser de fácil memorização, as parlendas costumam ser de letras curtas, é sem música e servem para a escolha de uma brincadeira. As mnemônicas são para fixar algum conteúdo com números ou nomes (BRASIL,1998).

As rondas ou cantigas de roda, são as expressões da poesia, música e dança, sendo que aqui no Brasil, recebe-se a influência de todas as matrizes culturais que temos: a indígena, lusitana e africana, incluindo também as europeias, como a espanhola, e francesa. Os Referenciais Curriculares acrescentam que:

Jogos de escuta dos sons do ambiente, de brinquedos, de objetos ou instrumentos musicais; jogos de imitação de sons vocais, gestos e sons corporais; jogos de adivinhação nos quais é necessário reconhecer um trecho de canção, de música conhecida, de timbres de instrumentos etc.; jogos de direção sonora para percepção da direção de uma fonte sonora; e jogos de memória, de improvisação etc. são algumas sugestões que garantem às crianças os benefícios e alegrias que a atividade lúdica proporciona e que, ao mesmo tempo, desenvolvem habilidades, atitudes e conceitos referentes à linguagem musical (BRASIL, 1998, p.72).

No currículo da Educação Infantil, as cantigas de roda são parte de um trabalho realizado com a música, envolvendo vários outros fatores que já foram citados. Agora, vamos detalhar como cada trabalho com a música deve ser aproveitado da melhor maneira, criando diversas possibilidades de aprendizagem, respeitando a fase do desenvolvimento em que a criança está e as diversas linguagens. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem, no seu artigo 9º, que devem ser garantidas nas instituições que trabalham com a Educação Infantil as experiências que:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, CNE/CEB, 2009, art.9º, incisos II e IX).

CONCLUSÃO

É preciso refletir o papel da educação no eu diz respeito ao estimular a linguagem musical nas escolas pois é preciso “abraçar” também o cultivo pelo gosto das diversas e ricas manifestações artísticas e culturais, a apreciar a estética e o desenvolvimento da sensibilidade e transformação da civilização. Tomando cuidado para não valorizar mais ou menos determinadas produções, mas de fornecer contribuições para que eles desenvolvam sua capacidade crítica.

A educação do gosto pela música não é apenas tarefa da família e da escola, mas também dos alunos. Se não assumirmos com decisão e firmeza essa parcela da prática educativa, permitiremos que os nossos alunos apreciem apenas o que os programas de TV e de rádio, a publicidade e a indústria da moda determinam.

É preciso considerar o fato de que o professor, quando se torna comprometido com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno alvo do processo ensino-aprendizagem, e cumprindo seu papel de orientador e facilitador do processo, legítima assim a teoria de uma facilitação da aprendizagem, através da interação entre sujeitos, ultrapassando, desse modo, a mera condição de ensinar.

No entanto, muitos fatores levam a questionar se esta prática educativa vem realmente acontecendo de maneira satisfatória nas instituições. Muitas vezes, as relações entre os sujeitos acabam por se contrapor, seja por motivos econômicos, sociais, políticos ou ideológicos, demonstrando falhas no cotidiano e lar, bem como limitações quanto à aquisição do conhecimento no processo ensino-aprendizagem.

Ao professor cabe à observação das evoluções individuais da turma, potencializando e incentivando criações, motivando a participação em todas as manifestações musicais de modo que a criança desenvolva as habilidades necessárias em determinadas situações. O professor precisa criar espaços e situações que a criança seja levada a espontaneidade, de maneira que sua sensibilidade seja aperfeiçoada, sem limites à criação.

O objetivo da escola não deve ser formar músicos profissionais, mas desenvolver a capacidade de percepção da criança ao ensiná-la a observar uma situação e comentar. Além disso, quando a criança é instigada a aprender com música, sua relação com os colegas e socialização é aperfeiçoada, per-